

A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR: UM DESAFIO SOCIAL E EDUCACIONAL

Elisa Maria do Nascimento ¹

RESUMO

A violência escolar é um fenômeno social que se apresenta de várias formas e, por este motivo, seu entendimento é complexo. Pauta de questões gerais, a violência no ambiente educacional despertou a curiosidade de pesquisadores interessados em explorar o tema. Por conseguinte, o objetivo desta pesquisa foi investigar os tipos de violência manifestadas no espaço escolar, bem como suas causas, consequências e possíveis soluções para enfrentar os conflitos. Para a concretização do estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica buscando enfatizar como a violência pode ser percebida no contexto escolar, destacando os fatores prováveis que a desencadeiam e as consequências aos envolvidos em situações conflituosas. Além disso, os autores pesquisados ainda apontam ações viáveis que podem auxiliar na minimização do problema. O trabalho permitiu concluir que, para compreender os tipos, fatores e produtos da violência escolar, é necessário desenvolver atividades que levem a um consenso entre as partes envolvidas no conflito e é fundamental a participação e comprometimento de todos que fazem parte do processo educacional, de modo a promover uma cultura de paz e uma educação de qualidade. Espera-se que esta pesquisa desperte o interesse de outros pesquisadores e possa auxiliar futuras averiguações sobre o tema.

Palavras-chave: Violência escolar, Enfrentamento de conflitos, Diálogo, Educação de qualidade.

INTRODUÇÃO

A violência no contexto escolar, manifestada de maneira diversificada e de difícil compreensão, é parte do roteiro de debates e discussões sociais e escolares, elevando a quantidade de interessados em estudar a temática (CHARLOT; ÉMIN, 1997 *apud* ABRAMOVAY; RUA, 2003; BISPO; LIMA, 2014).

Segundo Bispo e Lima (2014) para explicar o fenômeno da violência escolar, autores procuram desde suas causas mais intrínsecas àquelas mais genéricas, bem como suas consequências aos sujeitos envolvidos e possíveis soluções para o enfrentamento do problema.

Partindo do pressuposto, surgiram as questões que orientaram este trabalho:

- Quais os tipos de violência que podem ser identificados nas instituições de ensino?

¹ Graduada pelo Curso de Licenciatura Plena em Química da Universidade Estadual do Ceará – CE, elisanascimento14@gmail.com.

- Quais as principais causas e consequências que a violência pode causar aos envolvidos em situações conflituosas no contexto escolar?
- Como as escolas, em parceria com a família e a comunidade em geral, podem agir no combate à violência escolar?

Quando se fala em violência escolar, Charlot (2002) declara que é necessário fazer distinções conceituais que são bastante complexas. O autor afirma que é preciso distinguir o que é violência na escola: aquela ocorrida dentro do espaço escolar; violência à escola: ato contra a instituição e àqueles que a constituem; e violência da escola: ações simbólicas institucionais que afetam negativamente os estudantes (CHARLOT, 2002, grifo do autor).

Deste modo, o ambiente escolar enfrenta diariamente problemas e desafios e oferece soluções que, por vezes são satisfatórias e outras vezes não, no entanto é preciso estar sempre preparado às adversidades que poderão surgir.

Neste contexto, o objetivo deste estudo é identificar as principais violências ocorridas no ambiente escolar, bem como averiguar suas causas e consequências aos envolvidos no ato e explorar possíveis alternativas para enfrentar e combater o problema.

Para alcançar os propósitos da pesquisa, utilizou-se como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica, resultado da análise detalhada de materiais sobre a temática aqui discutida, encontrados na literatura impressos e divulgados no meio eletrônico.

Como embasamento teórico empregou-se as ideias e concepções de autores como: Abramovay (2015), Abramovay e Rua (2003), Abramovay *et al* (2012), Abramovay *et al* (2002), Bispo e Lima (2014), Charlot (2002), Forlim, Stelko-Pereira e Williams (2014), Giordani, Seffner, Dell’Aglío (2017), Guimarães (2009), Ramos (2008), Ristum (2001), Ristum e Barros (2004), Rosa (2010) e Souza (2008).

O interesse pela pesquisa é fruto de experiências vividas como docente no cotidiano escolar, além da preocupação com os casos de violência ocorridos nas instituições de ensino e noticiados diariamente. Espera-se, assim, que a elaboração e divulgação deste estudo possa contribuir com o engrandecimento de pesquisas relacionadas ao tema e auxiliar no combate ao problema.

METODOLOGIA

Com o objetivo de responder a algumas indagações sobre a violência no contexto escolar, investigou-se os tipos de violência, as causas e as possíveis soluções para o problema por meio de uma análise de pesquisas e estudos publicados na literatura. Desse modo, fez-se

uso de uma pesquisa exploratória, a fim de esclarecer ideias, conceitos e construir hipóteses sobre o tema (GIL, 2008).

O procedimento metodológico adotado neste estudo está pautado na pesquisa bibliográfica, fundamentada em um material já existente e constituído, principalmente, de livros e artigos científicos. Fonseca (2002 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009) assegura, ainda, que a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador compreender melhor o tema em questão.

Quanto a abordagem metodológica, esta pesquisa foi embasada na abordagem qualitativa, pois não se preocupa com a representação de dados numéricos, mas sim com as discussões e investigações sobre um problema social (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

DESENVOLVIMENTO

A crise de valores que afeta o ambiente escolar tem provocado o aumento de casos de indisciplina e violência no meio educacional, tendo como consequências, por exemplo, baixos rendimentos e o abandono escolar (ABRAMOVAY, 2015) podendo, ainda, afetar a saúde mental dos envolvidos (FORLIM; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2014). Desse modo, gestores, professores, alunos, família, comunidade e governo propõem o desenvolvimento de ações e atividades para o enfrentamento à violência (ABRAMOVAY *et al*, 2012).

Assumindo diversas formas de expressão no âmbito educativo, a violência apresenta as mais variadas causas e consequências, podendo “ser caracterizada como imposição de algo realizado por um indivíduo/grupo social a outro indivíduo/grupo social contra a sua vontade”, afirma Souza (2008, p. 120). A autora declara que as ações violentas dentro da escola oscilam de atos mais evidentes e perceptíveis a manifestos mais tímidos e sutis.

Historicamente, debates e questões relacionados à violência acontecem desde os tempos mais remotos e, ainda assim, sua definição não foi delimitada (CHARLOT, 2002). Isso acontece devido a pluralidade e complexidade dos fenômenos que a desencadeiam (CHARLOT; ÉMIN, 1997 *apud* ABRAMOVAY; RUA, 2003).

Charlot e Émin (1997 *apud* ABRAMOVAY; RUA, 2003) classificam a violência escolar em três níveis:

- A. Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- B. Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- C. Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições

de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar absenteísmo e a indiferença dos alunos (CHARLOT; ÉMIN, 1997 *apud* ABRAMOVAY; RUA, 2003, p. 21).

Os autores citam exemplos de manifestações violentas que podem ser identificadas no cotidiano escolar, ressaltando as violências sofridas pelos docentes, os difíceis relacionamentos entre educadores e educandos e uma sociedade indiferente perante as necessidades das juventudes.

Rosa (2010) reafirma o exposto citando em sua obra que a indisciplina e o desinteresse dos jovens são fatores primordiais para o aumento dos casos de violência no âmbito escolar. A apatia pelo conhecimento e por novas descobertas interferem diretamente no comportamento do aluno, podendo deixá-lo por vezes agressivo, provocando conflitos e dificultando o trabalho docente (ROSA, 2010).

Quando o assunto é violência na escola, as discussões atuais sobre o *bullying* também devem ser levadas em consideração. A palavra estrangeira deriva do verbo inglês *bully* (utilizado para designar uma pessoa cruel, agressiva) que significa “usar a superioridade física ou moral para intimidar alguém” (GUIMARÃES, 2009). A autora acrescenta que o *bullying* é uma situação que define agressões intencionais, seja verbal ou física, que ocorrem repetidas vezes.

De acordo com Fante (2005 *apud* ROSA, 2010) o *bullying*

é aquela agressão que se apresenta de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores, prolongadamente contra a mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos (FANTE, 2005, p. 119 *apud* ROSA, 2010, p. 153)

O *bullying* é uma das formas de violência mais comuns dentro do espaço escolar e é importante ressaltar que o ato vai muito além de brigas entre colegas por motivos casuais (ROSA, 2010).

A literatura aponta um universo cheio de diversidades e discordâncias no que tange às causas da violência. Em uma tentativa de esclarecer a variedade e interação de suas causas, Ristum e Bastos (2004), em seus estudos, classificaram os tipos de violência em função do ambiente em que elas se encontram e suas relações entre os que a praticam.

Foram estabelecidas duas grandes categorias: causas contextuais, dividida em dois subgrupos – contextuais distais e contextuais proximais – e causas pessoais, que serão esclarecidas, logo a seguir, conforme o estudo realizado por Ristum e Bastos (2004).

No primeiro subgrupo, relacionado às causas contextuais distais, a literatura destaca que a violência é causada pela situação econômica, social, política e cultural na qual o indivíduo se encontra, citando a pobreza, a exclusão social, o desemprego e a fome como exemplos. As causas contextuais proximais referem-se à proximidade que um indivíduo possui com um ato violento acontecido no ambiente em que ele vive, por exemplo, modelos de violência em casa, na rua ou na TV e estrutura familiar fragmentada. Já as causas pessoais, sejam elas biológicas ou psicológicas, estão associadas ao consumo de drogas e bebidas alcoólicas, desequilíbrio emocional e mental, questões passionais e personalidade.

As investigações de Ristum e Bastos (2004) concluíram que os aspectos como as múltiplas causas da violência, a interação entre os fatores causais e o conjunto de agentes contextuais e pessoais são fundamentais para esclarecer a motivação de atos violentos.

Complementando as ideias citadas, Souza (2008) declara que a falta de afeto e valores familiar também contribui para as ocorrências violentas no contexto escolar. A autora assegura que:

As perdas ou inversões dos valores afetivos e morais essenciais à educação da criança a vitimou, pois não há mais referencial baseado em afeto, cuidado, respeito mútuo entre crianças e adolescentes, que já não sabem como se comportar na sociedade. As regras que prevalecem parecem ser: o desrespeito, a agressão para com os espaços e com os outros (SOUZA, 2008, p. 128).

Para além, deixa a entender que a família se isentou de suas responsabilidades e obrigações básicas confiando este encargo às instituições de ensino (SOUZA, 2008).

Giordani, Seffner e Dell’Aglío (2017) atestam que a violência dentro do ambiente escolar pode acarretar diversas consequências aos envolvidos, afetando diretamente o seu desenvolvimento saudável. Pesquisas confirmam que a maioria das crianças encaminhadas aos serviços de saúde são oriundas dos espaços escolares e apresentam problemas como comportamento violento e agressivo (BISPO; LIMA, 2014).

Os estudos de Winsper *et al* (2012 *apud* GIORDANI; SEFFNER; DELL’AGLIO, 2017) apontam que ações violentas nas instituições de ensino podem provocar danos cognitivos e mentais, podendo levar à depressão e, em algumas situações, ao suicídio. Em uma de suas pesquisas, Forlim, Stelko-Pereira e Williams (2014) reafirmam o exposto

constatando que os ofensores e suas vítimas apresentam cinco vezes mais chances de desenvolver um quadro depressivo do que outros estudantes.

Vale destacar que, além dos alunos, professores e gestores também podem ter a saúde mental afetada em decorrência da violência escolar. Segundo Abramovay e Rua (2003) as principais consequências no que diz respeito aos membros do corpo pedagógico são: perda de estímulo para o trabalho, sentimento de revolta, dificuldade para concentrar-se durante as aulas, ausência de vontade para voltar ao trabalho e aparecimento de nervosismo e irritação com mais frequência na instituição.

Desse modo, a qualidade do ensino acaba sendo prejudicada, pois “os professores preferem transferir-se para ambientes escolares mais seguros, [...]” deixando lacunas no quadro de profissionais das instituições de ensino mais violentas (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p. 68). Para mais, a profissão docente passou a ser desvalorizada e pouco procurada em decorrência das diversas violências ocorridas no âmbito escolar (RISTUM, 2001).

Além dos traumas psíquicos e dos sentimentos de medo e insegurança, a violência escolar afeta, ainda, o cognitivo dos estudantes, comprometendo o processo de aprendizado, provocando o desinteresse dos jovens pelos estudos e prejudicando as relações com outras pessoas (ABRAMOVAY *et al*, 2002; ROSA, 2010).

Muitos alunos, ao sofrerem qualquer tipo de violência, seja por parte dos colegas ou funcionários da instituição, perdem o entusiasmo pelos estudos e a motivação para realizar atividades prazerosas (KUMPULAINEN *et al*, 1998 *apud* FORLIM, STELKO-PEREIRA E WILLIAMS, 2014; CHARLOT, 2002) podendo causar a repetição do ano letivo; enquanto outros recusam-se a retornar à escola, levando a altos índices de evasão escolar (ABRAMOVAY, 2015).

Abramovay *et al* (2012) salienta que a aprendizagem também pode ser afetada por comentários negativos, ofensas e agressões verbais feitas por professores a alunos. A autora assegura que a falta de respeito, críticas, tratamento rude e comportamento autoritário podem tornar impossível o processo de aprendizagem no ambiente escolar.

Perante as violências presentes nas instituições de ensino, gestores, professores, alunos, família, comunidade e governo tem buscado políticas públicas e sociais como meio para combater e prevenir atos violentos, tendo como base ações pautadas na ética, moral e valorização do diálogo (ABRAMOVAY *et al*, 2012).

Em uma de suas pesquisas, Ramos (2008) sugere que as instituições de ensino realizem ciclos de palestras, debates e leituras a respeito da temática com especialistas e, de maneira conjunta, com todo o grupo escolar, família e comunidade em geral.

De acordo com Rosa (2010, p.150) as famílias devem comprometer-se com a escola em relação ao combate à violência e, para isso, “precisam estar atentas ao comportamento dos filhos dentro e fora da escola, [...] é preciso estar a par da situação”. Abramovay *et al* (2002) complementa as ideias assegurando que é primordial consolidar parcerias com os governos, seja federal, estadual e/ou municipal, ampliando, desta forma, o diálogo entre escola, família, comunidade e governos.

Segundo Rosa (2010) é preciso, também, que os professores estejam cientes do seu papel enquanto educador, contribuindo para a formação integral do estudante, ajudando-lhes a compreender suas atribuições perante à sociedade e aguçando seu senso crítico diante das mais variadas situações. Além disso, gestores, supervisores e orientadores educacionais não podem estar alheios às ocorrências violentas no ambiente escolar, é necessário que todos se engajem e busquem soluções para combater o problema (RAMOS, 2008).

Bispo e Lima (2014) corroboram o exposto referindo-se que no combate à violência é necessário que a escola reflita para além dos cuidados físicos com as crianças, adolescentes e jovens, é necessário investir em projetos educacionais que assegurem a participação ativa de todos os envolvidos e que contribuam para a sua formação humana. Os autores reconhecem que:

A escola se ocupa de jovens em formação, que precisam ser amparados nesse momento de suas vidas. Educar é ajudar a construir um sentido para a vida, é despertar, nos jovens, o desejo de viver. Para além da transmissão de conhecimentos universais, a escola deve acolher o novo que cada jovem porta em seu corpo e em sua palavra. Cabe à escola abrir espaços para a palavra, para a construção de um sentido individual dentro desse espaço coletivo (BISPO; LIMA, 2014, p. 178).

Assim sendo, a escola é um ambiente de construção de ideias e transformação social, que deve permitir a escuta ativa dos sujeitos envolvidos em situações conflituosas, de modo a desenvolver ações e atividades pautadas no respeito, união e coletividade dentro do espaço educacional às vistas do combate à violência escolar (BISPO; LIMA, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa denotam que a violência, apesar de não ser um assunto exclusivo do mundo contemporâneo, está firmemente ligada ao homem moderno, sempre presente e apresentada de diversas formas, fator que dificulta a sua definição e delimitação, afirmativas comprovadas pelos estudos de autores como Souza (2008) e Charlot (2002).

Tendo em vista a importância das relações entre os sujeitos na dinâmica escolar, é necessário desconstruir ideias e situações que possam desencadear a violência no ambiente escolar. Abramovay (2012, p. 71) assegura que “o reconhecimento da complexidade das relações possibilita mapear os processos sociais e auxilia a entender que as práticas, inclusive a violência,” envolve inúmeros atores: núcleo gestor, corpo docente e discente, funcionários, família e sociedade como um todo.

É necessário ressaltar que, apesar da convivência no cotidiano escolar ser obrigatória, é possível geri-la de maneira saudável. Para isso, os sujeitos precisam reconhecer-se como um grupo que necessita do apoio uns dos outros, de modo a assegurar o respeito e valores éticos e morais entre os envolvidos.

A partir do estudo realizado, também é possível perceber que há uma divergência nas relações entre escola e família. Por um lado, a escola reclama da ausência da família da vida escolar dos estudantes, e do outro, os familiares afirmam que os professores não tem preparo para lidar com as circunstâncias que envolvem a violência (ROSA, 2010; ABRAMOVAY, 2012).

Para tanto, é fundamental que ambas as partes reconheçam suas importâncias e estabeleçam parcerias pautadas no diálogo, de modo a estabelecer vínculos que busquem além do desenvolvimento cognitivo e assegure a formação integral e a transformação social das juventudes (BISPO; LIMA, 2014)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento crescente dos índices de violência dentro do espaço escolar evidencia o quanto a educação está em crise. As transformações pessoais, sociais, biológicas e psicológicas as quais os jovens perpassam diariamente acabam afetando suas relações no ambiente educacional.

Diante do exposto, percebe-se que a complexidade para identificar as razões pelas quais a violência é fomentada dentro do ambiente escolar, dificulta também a identificação das mais variadas consequências deste processo. Desta forma, o que se pode concluir a partir do estudo realizado é que ao mesmo tempo em que uma situação provoca a violência, esta mesma circunstância pode ser uma consequência do ato.

Porém, independentemente dos tipos, causas e consequências, nota-se que todas as ações voltadas para o enfrentamento contra a violência, devem ser pautadas no diálogo e

parceria, afinal é um dever de todos os envolvidos no processo educacional lutar por uma escola de paz, pela preservação de valores éticos e morais e por uma educação de qualidade.

O estudo e as análises e discussões sobre a violência no contexto escolar não se encerram por aqui. Espera-se que esta pesquisa contribua para o despertar de uma reflexão sobre o tema e sensibilize os envolvidos na educação, a fim de construir um ambiente harmônico e promover a formação integral dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Violências nas escolas. *In*: ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Prevenção à violência nas escolas**. Brasil: FLACSO, 2015. 21 p. Disponível em: <<http://flacso.org.br/files/2015/08/Violencias-nas-Escolas.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO, 2012. 83 p. Disponível em: <http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/conversando_sobre_violencia.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2019.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2003. 88 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133967_por>. Acesso em: 17 jan. 2019.

ABRAMOVAY, Miriam (Org.). **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, 2002. 154 p.

BISPO, Fábio Santos; LIMA, Nádia Laguárdia de. A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, MG, v. 30, n. 2, p. 161-180, abr./jun. 2014. Trimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n2/08.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Tradução de Sonia Taborda. **Sociologias**, Porto Alegre, RS, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

FORLIM, Bruna Garcia; STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Relação entre *bullying* e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 31, n. 3, p. 367-375, jul./set. 2014. Trimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v31n3/05.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008. 200 p.

GIORDANI, Jaqueline Portella; SEFFNER, Fernando; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, SP, v. 21, n. 1, p. 103-111, jan./abr. 2017. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n1/2175-3539-pee-21-01-00103.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

GUIMARÃES, Janaína Rosa. Violência escolar e o fenômeno 'bullying'. A responsabilidade social diante do comportamento agressivo entre estudantes. **Jus Vigilantibus**, jul. 2009. Disponível em: <http://www.cnpm.mp.br/conteate10/pdfs/tema3_artigo-violencia-escolar.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2019.

RAMOS, Ana Karina Sartoni. Bullying: a violência tolerada na escola. Dia a dia educação. In: PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Curitiba: SEED/PR, 2008, v. 1. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

RISTUM, Marilena; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 1, p. 225-239, 2004. Mensal. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19839.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

RISTUM, Marilena. **O conceito de violência de professoras do ensino fundamental**. 2001. 395 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11857/1/Marilene%20Ristum.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

ROSA, Maria José Araújo. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino-aprendizagem. **Fórum Identidades**, Itabaiana, SE, v. 8, n. 8, p. 143-158, jul./dez. 2010. Quadrimestral. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1785/1574>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: SILVEIRA, Denise Tolfo; GERHARDT, Tatiana Engel (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. uni. 2, p. 31-42.

SOUZA, Mirian Rodrigues. Violência nas escolas: causas e consequências. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação**, Aparecida, GO, ano 2, n. 2, p. 119-136, 2008. Disponível em: <<http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%8ANCIA%20NAS%20ESCOLAS%20-%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%8ANCIAS.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2019.